

Vínculos Transdisciplinares: O Pensamento Complexo de Morin e as Pesquisas em Comunicação e Jornalismo¹

ARAÚJO, Mayara²

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

Este artigo investiga como o pensamento complexo (MORIN, 2000, 2007), desenvolvido pelo filósofo e sociólogo francês Edgar Morin, tem sido associado a pesquisas acadêmicas brasileiras, em especial nas áreas de Comunicação e Jornalismo. Para tanto, mapeia bancos de dados de produções científicas (mais especificamente a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e o Portal de Periódicos da Capes) para sistematizar quais os tipos de documento, temas, métodos e *corpus* dessas pesquisas, e a que outros autores se vinculam, além de Morin. O estudo pretende, assim, oferecer um panorama de como o paradigma da complexidade tem sido abordado pelas produções acadêmicas nos campos citados, ajudando a perceber que diálogos vêm sendo promovidos e quais ainda podem ser.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; jornalismo; Morin; complexidade; pesquisa.

Introdução

A defesa de uma leitura ampla e aprofundada dos fenômenos atravessa a obra de Edgar Morin³. O pensamento complexo⁴, um dos principais conceitos a ele vinculado, constitui-se uma alternativa ao que Morin denomina o “grande paradigma do Ocidente, formulado por Descartes e imposto pelo desdobramento da história europeia a partir do século XVII” (MORIN, 2000, p. 26): a produção racionalizadora de conhecimento, que ora fragmenta os fenômenos (disjunção), ora os limita a sínteses homogeneizantes (redução). Nesse sentido, a complexidade apontaria para uma leitura contextualizada, multidimensional e global do mundo, considerando ainda as incertezas e imprevisibilidades próprias do processo de produção científica.

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Comunicação pelo Programa de Pós Graduação em Comunicação (PPGCOM-UFC). Orientador: Prof. Dr. Edgard Patrício. E-mail: jornalista.mayara@gmail.com.

³ Nascido Edgar Nahoum, em 1921, na França, o judeu de origem sefardi adota o codinome Morin na década de 1940, quando se alia à Resistência, durante a Segunda Guerra Mundial.

⁴ Desenvolvido particularmente nos seis volumes de O Método, mas citado ainda em outras produções do autor (MORIN, 1979, 2000, 2007).

Influenciada pela ecologia⁵ e pelos estudos sistêmicos (empreendidos por nomes como Ludwig Von Bertalanffy e Heinz Von Foster), a obra de Morin dialoga diretamente com a Si-Cibernética (ou Cibernética de 2ª ordem), pensando o mundo como um sistema em contínua interação, e o observador do sistema como parte dele. Vinculando concepção sistêmica e epistemologia, Morin propõe a transdisciplinaridade como uma forma complexa de construção de conhecimento. Não à toa, o pensamento complexo foi, ao longo dos anos, apreendido não só pela Educação (à qual Morin se aproxima), mas também por outros campos, como a Medicina, a Psicologia e a Comunicação. No Jornalismo, campo concernente ao universo comunicacional, a noção de complexidade aparenta ser frutífera para filtrar, ordenar e interpretar os acontecimentos, já que o processo produtivo dos jornalistas encontra semelhança com os procedimentos científicos de investigação (MEDINA, 2008), e o jornalismo pode ser também considerado produtor de conhecimento (MEDITSCH, 1998).

Mas como o paradigma complexo de Morin vem sendo incorporado a pesquisas nos campos da Comunicação e do Jornalismo? Para tentar elucidar essa questão, mapeamos bancos de dados de produções científicas (Portal de Periódicos da Capes e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)) e sistematizamos quais os tipos de documentos, assuntos relacionados, métodos e *corpus* dessas pesquisas, e a que outros autores se vinculam. Acreditamos que, a partir desse panorama, possamos visualizar que diálogos vêm sendo estabelecidos e quais ainda podem ser.

Para entender complexidade: conceitos-chave

As críticas ao paradigma simplificador, que “separa o sujeito do objeto, cada qual na sua esfera própria: a filosofia e a pesquisa reflexiva de um lado, a ciência e a pesquisa objetiva, de outro” (MORIN, 2000, p. 26), podem ser consideradas a pedra fundamental do pensamento de Morin. É próprio da simplificação a construção de esquemas dualistas (qualidade/quantidade, corpo/alma, finalidade/causalidade) e a leitura incontestável/dogmática dos fenômenos, ignorando qualquer porção subjetiva/afetiva⁶. Retomadas no final do século XIX pelo positivismo, as ideias de

⁵ A compreensão ecológica dos sistemas vivos indica que “não existe hierarquia na natureza e sim redes que se formam dentro de outras redes” (GOMES et al., 2014, p. 6).

⁶ “uma doutrina que obedece a um modelo mecanicista e determinista para considerar o mundo não é racional, mas racionalizadora” (MORIN, 2000, p. 23).

Descartes se mantém, de acordo com Morin, relevantes entre as ciências ao longo de todo o século XX, defendendo princípios de imparcialidade e neutralidade.

O pensamento complexo constitui-se, assim, em uma alternativa à simplificação, a partir da mobilização de alguns conceitos-chave, como: racionalidade, multicausalidade (operador recursivo), globalidade (operador hologramático), multidimensionalidade (operador dialógico) e admissão de incertezas. Racionalidade significa oposição ao racionalismo: para Morin, atitudes construtivas na elaboração das teorias (como autocrítica, coerência entre as ideias e testes às bases empíricas) rompem com a limitação débil dos dogmatismos. Já a multicausalidade (ou o operador recursivo) propõe que se percebam os fenômenos em contexto, originados por múltiplas causas, que produzem e são produzidas por efeitos, de modo dinâmico (a causa A produz o efeito B, que é causa para um novo efeito).

Globalidade e multidimensionalidade também se relacionam à compreensão ampla dos objetos: segundo o pensamento complexo, o todo não é a soma das partes, pois “tem qualidades ou propriedades que não são encontradas nas partes, se estas estiverem isoladas umas das outras, e certas qualidades ou propriedades das partes podem ser inibidas pelas restrições provenientes do todo” (MORIN, 2000, p. 37).

Assim, o(a) pesquisador(a) aciona operadores dialógicos (age de maneira multidimensional) quando considera e integra as múltiplas dimensões dos indivíduos e da sociedade no seu fazer científico: “...o ser humano é, ao mesmo tempo, biológico, psíquico, social, afetivo e racional. A sociedade comporta as dimensões histórica, econômica, sociológica, religiosa” (MORIN, 2000, p. 38). E recorre ao operador hologramático (atua de modo global) quando não dissocia o todo e as partes: “O global é (...) o conjunto das diversas partes ligadas a ele de modo organizacional. (...) O planeta Terra é mais do que um contexto: é o todo ao mesmo tempo organizador e desorganizador de que fazemos parte” (MORIN, 2000, p. 37).

Além dos operadores de complexidade, outro elemento importante na elaboração de Morin é a admissão de incertezas. O filósofo defende que se reconheçam e assumam as incertezas nos processos de construção de conhecimento. Para ele, é preciso pensar estratégias de enfrentamento ao incerto/inesperado, mas não se deve omiti-lo do processo, já que até mesmo o universo se mobiliza entre o caos e o cosmos, entre a

ordem e a desordem⁷. Tais incertezas, segundo o autor, são próprias da interpretação/releitura do que já foi produzido; das contradições com as quais nos deparamos durante o processo; da autocrítica vigilante (e necessária) do(a) pesquisador(a); e das manobras inconscientes da mente humana.

Num esforço de arqueologia do pensamento de Morin, percebemos como as ideias do autor se alinham aos pressupostos das teorias sistêmicas. Legando contribuições de diversas teorias dos anos 1920 afeitas a leituras interrelacionais dos seus objetos (como a concepção organísmica, a ecologia e a física quântica), a Teoria Geral dos Sistemas, desenvolvida por Bertalanffy, critica a termodinâmica clássica (“que trata de sistemas fechados em estado de equilíbrio térmico ou próximo dele” (GOMES et al., 2014, p. 7)) e propõe que organismos vivos são, na verdade, sistemas abertos, “que podem se alimentar de um contínuo fluxo de matéria e de energia extraídas e devolvidas ao meio ambiente” (p.7).

Bertalanffy conceitua sistema como um complexo de elementos em estado de interação, reforçando a relação interdependente entre os componentes (GOMES et al., 2014). Alguns dos conceitos básicos de sua teoria estão também presentes nas elaborações de Morin, como a globalidade (os sistemas só funcionam como um todo coeso), a não-somatividade (o todo não é a soma das partes), a sinergia (interação entre o sistema) e a entropia (desordem ou falta de sinergia).

Na década de 1940, influenciada pelos estudos de Bertalanffy, a Cibernética, desenvolvida por Norbert Wiener, propõe a criação de sistemas artificiais que reproduzam o funcionamento de organismos vivos. A Cibernética de 2ª ordem (ou Si-Cibernética, como Morin passa a chama-la) é inaugurada com a concepção de sistemas observantes, cunhada pelo físico Heinz Van Foster. A ideia central é que também o observador do sistema está no sistema e, portanto, se observa observando. Desse modo, a cibernética passa a ser objeto de estudo dela mesma. Os conceitos-chave de Morin também estão diretamente alinhados aos três pressupostos da ciência novo-paradigmática (como a Si-Cibernética também é nomeada): complexidade, instabilidade e intersubjetividade⁸.

⁷ “A aventura certa da humanidade não faz mais do que dar prosseguimento, em sua esfera, à aventura incerta do cosmo, nascida de um acidente impensável para nós, e que continua no devenir de criações e destruições” (MORIN, 2000, p. 83).

⁸ “A noção de complexidade está ligada a sistemas, ecossistemas, causalidade circular, recursividade, contradições e pensamento complexo. A ideia de instabilidade está relacionada à desordem, evolução, imprevisibilidade, saltos

Morin em Comunicação e Jornalismo

Na Comunicação, Edgar Morin é estudado como um dos autores da chamada Escola Francesa⁹. Para Wolf (1987), a obra *O Espírito do Tempo*, de Morin, inaugura a Teoria Culturológica: “A sua característica fundamental é o estudo da cultura de massa, distinguindo os seus elementos antropológicos mais relevantes e a relação entre o consumidor e o objeto de consumo” (WOLF, 1987, p. 87).

Nesta obra, especificamente, e nos estudos de comunicação de massa de Edgar Morin, não se observam vínculos explícitos com o conceito de complexidade. No entanto, o cerne da ideia já estava presente. Diante da distância entre as teorias administrativa e crítica, Morin entende a cultura de massa como “uma realidade que não pode ser tratada a fundo senão com um método, o da totalidade (...)” (MORIN, 1967, p. 19). Para o autor, “não se pode reduzir a cultura de massa a um ou a alguns dados essenciais” (p.19), é preciso, no entanto, que se interprete “como um conjunto de cultura, civilização e história” (p.19).

Afunilando nosso olhar, observamos aproximações entre os estudos da complexidade de Morin e o campo do Jornalismo nas pesquisas de Cremilda Medina. Propondo uma epistemologia do diálogo social, Medina aponta caminhos para experimentar, na prática jornalística, “técnicas competentes, ética solidária e estéticas autorais” (MEDINA, 2014, p. 17), a tríade da qual o repórter deve se munir. Ao descrever como se dá essa produção jornalística novo-paradigmática (a que Medina intitula narrativas da contemporaneidade), a autora revela, na fluidez das linhas, as contribuições de Morin à sua epistemologia:

Após a dialogia inter e transdisciplinar, as narrativas da contemporaneidade produzidas pelo comunicador ganham outra autoria (...). Na partilha de incertezas da racionalidade complexa com outras epistemologias, o técnico de divulgação desmonta conceitos dogmáticos (...). Tal dinâmica mental se abre à sensibilização viva do contato com o mundo (o lugar do REPÓRTER)

qualitativos, auto-organização e incontrolabilidade. O pressuposto da intersubjetividade envolve a inclusão do observador, autorreferência, significação da experiência na conversação e coconstrução” (GOMES et al., 2014, p. 11).

⁹ Quem se aventura a escrever sobre as Teorias da Comunicação, em geral, reporta o desafio de delimitar o que seriam os estudos franceses, dada a dificuldade de unir, numa mesma escola, autores de campos e correntes tão distintos, como Maffesoli, Bourdieu, Morin, Debray, Baudrillard, Barthes e tantos outros. Segundo Silva (2008), o principal marco comum seria o Centro de Estudos de Comunicação de Massa (CECMAS), surgido na década de 1960, de onde nasceu a revista *Communications*: “Por esse catalisador de reflexão (...) passaram quase todos os pesquisadores franceses, ou radicados na França” (SILVA, 2008, p. 174).

e com a Arte, que o mobiliza para a ação original de AUTOR [grifo da autora] (MEDINA, 2014, p. 19).

Nota-se que conceitos como transdisciplinaridade, racionalidade, desmonte de dogmatismos, admissão de incertezas e multidimensionalidade estão presentes na *práxis* jornalística contemporânea proposta por Medina.

Portanto, pode-se dizer que, a priori, Morin estabeleça aproximações diretas com a Comunicação em escritos sobre cultura de massa e, com o Jornalismo, através da produção intelectual de Medina, na década de 1970. Mas existem outras articulações de ambos os campos com o autor em pesquisas contemporâneas? Que outros autores e assuntos são associados ao pensamento complexo? É o que ensaiamos responder.

Metodologia

Promovemos varreduras a partir dos termos “complexidade” “Morin” “comunicação” e “jornalismo” em dois bancos de dados distintos: o Portal de Periódicos da Capes e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Estando o Portal de Periódicos relacionado principalmente a artigos científicos, decidimos incluir ao *corpus* ainda a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

Categorias de pesquisa

Nos acervos descritos acima, optamos por uma investigação exploratória e quantitativa dos bancos de dados, analisando títulos, resumos e palavras-chave dos documentos. Das pesquisas encontradas, detivemo-nos às seguintes categorias: a) ano de defesa/publicação; b) tipo de documento (artigo, dissertação ou tese); c) menções diretas (se cita ou não Morin e/ou complexidade já no título do trabalho); d) assuntos relacionados (a que outros temas o autor/paradigma aparece vinculado); e) objetos de pesquisa (quais os objetos escolhidos como *corpus* dos trabalhos); f) autores relacionados (a que outros teóricos o autor/paradigma aparece vinculado); g) conceitos-chave (quais conceitos propostos por Morin foram incorporados à pesquisa).

Temos ciência de que nem todos os autores e conceitos caros a uma produção científica constarão em seu título, resumo e palavras-chave. No entanto, por definição, esses componentes extratextuais do trabalho científico são reservados justamente à apresentação de categorias e teóricos mais relevantes, exigindo do pesquisador um

processo prévio de hierarquização. Partimos do pressuposto de que a menção a Morin e/ou ao paradigma da complexidade nessas estruturas de síntese da pesquisa indicia a relevância/centralidade de sua contribuição ao trabalho analisado.

Análise

Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)

Neste repositório, realizamos duas buscas avançadas¹⁰, a primeira combinando os termos: “comunicação”, “complexidade” e “Morin”; na segunda, substituímos “comunicação” por “jornalismo”. Para a primeira tríade (comunicação-complexidade-Morin), obtivemos 188 resultados; para a segunda, 37. A maioria dos trabalhos é relativa a: Comunicação (82), Linguística (17) e Educação (14). Há ainda pesquisas de áreas, como Psicologia, Engenharias e Saúde Pública. Optamos, no entanto, por analisar apenas os de Comunicação (82). Quanto aos resultados em Jornalismo, apenas 17, de fato, condiziam com a área pesquisada (muitos eram sobre educação ou comunicação organizacional, por exemplo).

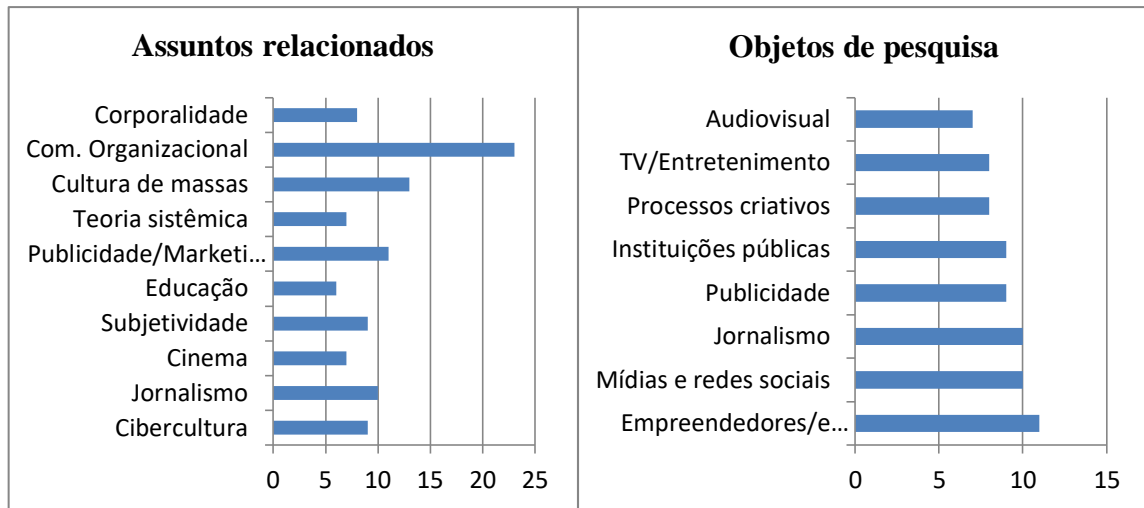
Sobre a quantidade de pesquisas, salvo algumas baixas (em 2013 e 2009), mantém-se uma média de sete a nove produções em Comunicação relacionadas a Morin/complexidade por ano, divididas em 47 teses e 35 dissertações. Em Jornalismo, há pelo menos uma pesquisa anual, tendo sido 2015 o ano com maior número de produções (4). Quanto ao tipo de documento, os dados em Jornalismo se invertem, havendo mais dissertações do que teses: 11 contra 6. Apesar de as pesquisas estarem relacionadas às contribuições de Morin, a maioria delas (62 contra 20 em Comunicação; 13 contra 4, em Jornalismo) não faz menções diretas ao autor e/ou ao conceito, sendo identificados somente nos resumos ou em palavras-chave.

Assuntos e objetos de pesquisa

Entre os 82 trabalhos, identificamos 22 assuntos relacionados – número que pode ser atribuído à capilaridade da produção intelectual do autor. Os principais assuntos relacionados são: Comunicação organizacional (23), cultura de massas (13), publicidade/marketing (11), jornalismo (10), cibercultura (9), subjetividade (9), corporalidade (8), teoria sistêmica (7), cinema (7) e educação (6).

¹⁰ Varredura feita em junho de 2019.

Figura 1 – Temas e objetos de pesquisa relacionados a Morin/complexidade¹¹



Fonte: BDTD. Gráficos produzidos pela autora.

O número de trabalhos sobre comunicação organizacional, cultura organizacional e memória institucional se relaciona com a recorrência de empreendedores/empresas (11) e instituições públicas (9) como objetos de pesquisa. Isso se justifica pelo habitual uso das teorias sistêmicas para compreender fenômenos e processos ligados a instituições. Nessas pesquisas (assim como nas de jornalismo e publicidade/marketing), Morin é acionado para pensar os objetos como sistemas complexos, nos quais condutas disjuntivas, simplificadoras e racionalizadoras seriam prejudiciais ao seu funcionamento. Uma crítica, no entanto, pode ser feita aos trabalhos sobre comunicação organizacional (ou pelo menos aos seus resumos): diferentemente de estudos sobre outros temas/objetos, poucas pesquisas associam explicitamente Morin a outro(s) autor(es)¹², dando a entender que apenas o paradigma da complexidade seria suficiente para compreender os fenômenos investigados.

Os demais assuntos relacionados espelham a trajetória de pesquisa do próprio autor. Entre os anos 1950-60, Morin se dedica ao cinema¹³ e à cultura (culminando em sua principal obra sobre comunicação e cultura de massa: *L'esprit du temps* (1962)). Na

¹¹ Dada a limitação de espaço deste artigo, optamos por construir gráficos apenas dos resultados da tríade comunicação-complexidade-Morin na BDTD, por terem sido mais numerosos. Os demais dados (da tríade jornalismo-complexidade-Morin na BDTD e do Portal de Periódicos da Capes) serão expostos apenas textualmente.

¹² Apenas três dos 23 trabalhos citaram nos resumos outros autores: no caso, Kunsch e Scroferneker, ambas estudiosas de comunicação organizacional/integrada.

¹³ Produções do autor sobre audiovisual: *O Cinema ou o Homem Imaginário* (1997) e *As Estrelas: Mito e Sedução no Cinema* (1989).

década de 70, menciona pensamento complexo pela primeira vez em *Le Paradigme perdu: la nature humaine* (1973). A escrita dos seis volumes de *La Méthode*, em que de fato aprofunda o conceito de complexidade, começa em 1977, com *La Nature de la nature*, e segue até os anos 2000 (o último volume foi publicado em 2004: *L'Éthique complexe*). Nesse ínterim, o autor exercita a transdisciplinaridade, escrevendo sobre temas comuns a diversas disciplinas, como epistemologia (*Science avec Conscience* (1982)) e questões conjunturais do século XX (*Penser l'Europe* (1987)). Recentemente, desde os anos 90, vem aproximando pensamento complexo e Educação (como o faz em *La Tête bien faite* (1999) e *Les Sept savoirs nécessaires à l'éducation du futur* (2000))¹⁴.

Em Jornalismo, os principais assuntos relacionados são: rotinas produtivas do trabalho jornalístico (5), jornalismo ambiental (4) e coberturas jornalísticas a determinados acontecimentos (3). Mídia impressa (6) e fotografias (3) são os objetos de pesquisa preponderantes dessas investigações. Acreditamos que a quantidade de trabalhos sobre produção jornalística esteja relacionada tanto ao uso da complexidade e das teorias sistêmicas para pensar o funcionamento de instituições (como apontamos anteriormente) quanto ao acervo do Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Comunicação da Universidade de São Paulo (USP), já que as rotinas produtivas do Jornalismo também podem ser lidas como processos criativos.

Conceitos-chave e autores relacionados

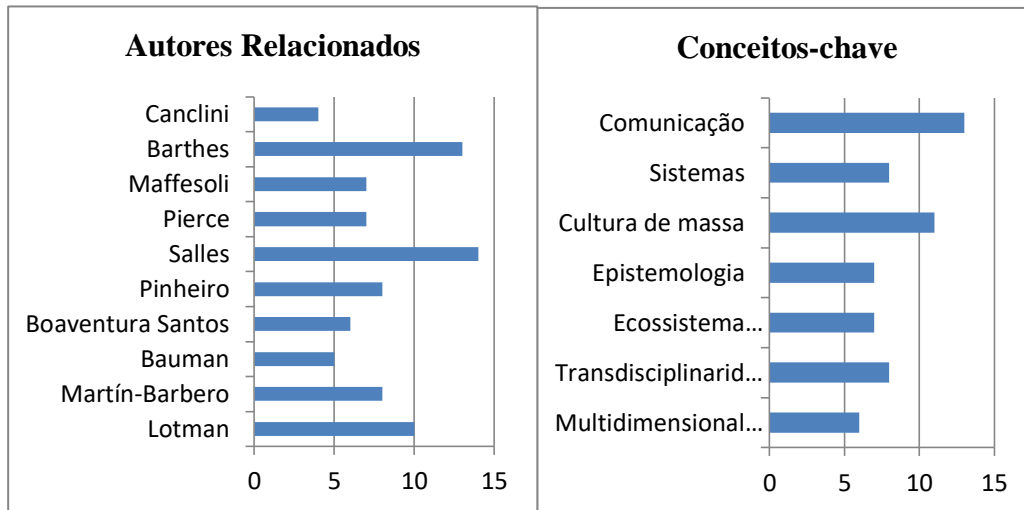
Para interpretar que autores costumam ser associados a Morin e quais dos seus conceitos são comumente apropriados é preciso considerar, além do percurso de pesquisa próprio do autor, o contexto dos trabalhos analisados. Dos 82 estudos em Comunicação consultados, 34 estão vinculados ao PPG em Comunicação e Semiótica da USP. Destes, 14 estiveram sob a orientação da professora Cecília Almeida Salles e seis, do professor Amálio Pinheiro – recorrentes entre os autores mencionados nas pesquisas: Salles consta nos resumos de 14 trabalhos; e Pinheiro, em oito.

Ocorre que cada PPG constrói – a partir de suas linhas de pesquisa e corpo docente – suas filiações conceituais próprias. Daí, por exemplo, o considerável número

¹⁴ Optamos por citar as obras originais para informar devidamente o ano de publicação. Em português, as obras citadas, respectivamente, foram: *Cultura de massa no século XX - O espírito do tempo* (1977); *Enigma do homem - Para uma nova Antropologia* (1979); *Método I - A natureza da natureza* (2002); *O Método VI - A ética* (2005); *Ciência com consciência* (1984); *Pensar a Europa* (1988); *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento* (2000); *Os sete saberes necessários à educação do futuro* (2000).

de trabalhos cujo objeto de pesquisa é processos criativos – de coletivos artísticos a agências de publicidade – e cuja metodologia seja a semiótica peirceana, já que uma das linhas do PPG em Comunicação e Semiótica da USP intitula-se justamente: “Processos de criação na comunicação e na cultura”.

Figura 2 – Autores relacionados a Morin/complexidade e conceitos apropriados



Fonte: BDTD. Gráficos produzidos pela autora.

No gráfico acima, estão inclusos apenas os dez nomes mais recorrentes. Listamos, no entanto, 51 autores, nos 82 trabalhos de Comunicação; e 24 nos de Jornalismo. Além dos autores diretamente vinculados ao programa da USP, as demais associações se dão por conceitos operados. A cada destino, o autor francês faz novos companheiros de viagem. Em pesquisas sobre audiovisual e análise de imagens, por exemplo, Lotman (10), Didi-Huberman (3) e Rancière (3) se juntam a Morin. Para tratar de semiótica, mito e poder, dialoga com Barthes (13) e Peirce (7); para pós-modernidade e cotidiano, caminha ao lado de Bauman (5), Maffesoli (7) e Certeau (3).

Destacamos, nesse âmbito, a aproximação do pensamento complexo com os estudos latino-americanos e pós-coloniais/decoloniais. Para se pensar consumo, cultura, miscigenação e emancipação, Morin é associado a nomes como: Martín-Barbero (8), Canclini (4) e Boaventura Sousa Santos (6). Vale relevo ainda diálogos quantitativamente pontuais, mas qualitativamente frutíferos, como Morin-Paulo Freire, para tratar de dialogia (mencionado em apenas dois trabalhos).

No caso das pesquisas em Jornalismo, as repetições de autores quase inexistem. Medina (3), Salles (2), Chaparro (2) e Genro Filho (2) foram os mais recorrentes –

excetuando Salles, os demais se vinculam por pensar Teorias do Jornalismo e gêneros jornalísticos. Pode-se perceber ainda aproximações conceituais entre autores mencionados, construindo *clusters*¹⁵ teóricos: Mark Deuze, Emily Bell e Clay Shirky são associados para pensar jornalismo pós industrial e as transformações contemporâneas no campo; Alsina, Traquina e Benetti, para tratar de acontecimento jornalístico; Marques de Mello e Manuel Carlos Chaparro, para gêneros e formatos jornalísticos; mas não há explicitamente diálogo desses agrupamentos com Morin/complexidade. Nesse sentido, o levantamento comprova a relevância dos estudos de Cremilda Medina (ECA-USP), e aponta ainda a pesquisadora chilena Mar de Fontcuberta (PUC-Chile) como pontes entre Jornalismo e pensamento complexo.

Quanto aos conceitos, além de complexidade propriamente (citada diretamente em 63 dos 82 trabalhos de Comunicação), os mais explorados são: cultura de massa/crítica cultural (em geral relativos às pesquisas sobre audiovisual), comunicação (13) e transdisciplinaridade (8). Alguns trabalhos relacionados a meio ambiente lançam mão das discussões de Morin sobre ecologia e relação homem-natureza (4). No campo jornalístico, as conceituações de paradigma simplificador e, especificamente, do operador hologramático da complexidade são as mais recorrentes, que nos remetem às discussões sobre objetividade jornalística (interpretada, no âmbito dessas pesquisas, como modelo cartesiano e, portanto, disjuntivo e redutor).

A maioria dos trabalhos em Comunicação e Jornalismo (54 contra 28 e 12 contra 5) utiliza a obra de Morin como contribuição para discussões teóricas. Algumas poucas, no entanto, fazem uso dos operadores de complexidade (hologramático, recursivo e dialógico) como método (caso da pesquisa de Carvalho (2018), na qual o autor utiliza os operadores cognitivos de Mariotti (2007): interação sujeito-objeto, circularidade, operador dialógico, autoprodução e operador hologramático – explicitamente baseados nos do autor francês). A ferramenta de análise mais utilizada pelos trabalhos consultados, contudo, é a semiótica, balizada por Barthes e Peirce.

Portal de periódicos da Capes

No acervo do Portal de Periódicos da Capes, ao pesquisarmos por “complexidade” e “Morin”, chegamos a 808 resultados. Aqui também, as áreas de

¹⁵ Em ciências das redes, *clusters* designam ambientes formados por membros fortemente conectados (BARABÁSI, 2009).

conhecimento reveladas na busca espelham os campos atravessados pelo pensamento de Morin: em trabalhos sobre Saúde Pública, a complexidade é relacionada à importância da interdisciplinaridade entre os profissionais de saúde, na tentativa de, coletivamente, dar respostas mais eficazes e humanizadas ao trato com os pacientes. Na Psicologia, de modo geral, vincula-se à percepção do Outro como sujeito complexo. Morin/complexidade são citados ainda em estudos sobre alternativas à dicotomia indivíduo-coletividade, possivelmente por sua discussão sobre globalidade/operador hologramático. Acionando o filtro “*Journalism & Communications*”, chegamos a 288 resultados. Muitos deles, no entanto, apesar do filtro automático, pertenciam a outras áreas de conhecimento (como Educação, Saúde e Direito), demandando, portanto, uma filtragem manual, que resultou em 83 trabalhos. Destes, no entanto, excluimos ainda os que faziam menção a Morin/complexidade no interior dos textos, mas não em título, resumo e palavras-chave – *corpus* delimitado para esta investigação. Desse modo, chegamos a 14 artigos¹⁶.

Dos 14, mais da metade foram publicados entre 2016 e 2017 (8). A maioria nas revistas Famecos – Mídia, Cultura e Tecnologia (PPGCOM-PUC/RS), com quatro resultados, e Em Questão (PPGCOM-UFRGS), com três. Resguardadas as devidas proporções, os resultados espelham os obtidos na BDTD: são estudos sobre comunicação organizacional, jornalismo, cibercultura e audiovisual, relevando afinidades entre o pensamento complexo e as teorias sistêmicas nas instituições, a semiologia de Peirce, a psicologia social, as noções de coletividade e o jornalismo sensível/subjetivado. Quanto aos autores, Peirce, Maffesoli e Barthes seguem presentes. Entre os brasileiros, os mais citados são Luis Martino Sá e Cremilda Medina. Além de complexidade, as principais contribuições de Morin nessas pesquisas são a noção de transdisciplinaridade e as discussões epistemológicas propostas pelo autor.

Considerando que o acervo do Portal de Periódicos da Capes é composto por artigos de, em geral, 10 a 15 páginas, compreende-se por que a maioria deles seja de ensaios, reflexões teóricas ou levantamentos quantitativos e qualitativos (como estudos da arte), tendo por *corpus* predominante, portanto, outras pesquisas científicas. Nesse sentido, destacamos um artigo que investiga a entrevista como tema de pesquisa no

¹⁶ Importante mencionar a disparidade na quantidade de bases de dados que realmente podem ser consultadas: segundo o Portal, há 134 bases referenciais cadastradas. Na busca avançada, no entanto, existem apenas 98. Destas, 47 estão desativadas (ao lado do nome da base consta “sem acesso”). Evidentemente, isso reduz o universo de pesquisas como esta que estamos empreendendo.

campo da Comunicação: Mariano (2018) estuda dez anos de pesquisas sobre entrevista publicadas nos anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), recortando os principais temas relacionados e comentando sobre os dois autores mais citados: Edgar Morin e Cremilda Medina.

Conclusão

A partir do levantamento realizado, podemos observar que trabalhos sobre Morin/complexidade em Comunicação e Jornalismo são relativamente recentes: as pesquisas mais antigas elencadas pelo buscador da BDTD (sem nenhum filtro de restrição) datam de 2006; já as do Portal de Periódicos da Capes, de 2015. Importante considerar a influência das filiações conceituais dos PPGs a que as pesquisas se vinculam – ainda que, avaliando o grande número de autores (51 em Comunicação e 24 em Jornalismo) e assuntos relacionados (22 e 12), possamos afirmar que tais filiações não chegam a engessar o corpo teórico dos trabalhos.

Em Comunicação, as teorias de Morin são associadas principalmente a pesquisas sobre comunicação organizacional, tendo empresas públicas e privadas como objeto de pesquisa¹⁷, e sobre mídia e cultura de massa, dialogando com autores e objetos do audiovisual¹⁸. São poucos os trabalhos que utilizam as contribuições de Morin diretamente como ferramenta metodológica. A complexidade é geralmente acionada como categoria teórico-metodológica, servindo de sustentação teórica ao(s) método(s) adotado(s) pelas pesquisas ou como conceito-chave das discussões epistêmicas. Nesse sentido, destacamos a tese de Dias (2007), na qual o autor analisa o GT de Epistemologias da Comunicação da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós) desde a sua criação, em 2001, e aproxima problemas centrais do campo à epistemologia de Morin.

Em Jornalismo, o diálogo com o pensamento complexo ainda é tímido, considerando o reduzido número de pesquisas. Nelas, assim como nas de comunicação organizacional, a perspectiva sistêmica de Morin ajuda a ler as “plataformas de

¹⁷ MACEDO, Cláudia Novelli de. Comunicação e complexidade : o discurso organizacional e o poder da cia Zaffari. 2009. 126 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

¹⁸ SANTOS, Ana Cecília dos. Cartografia musical no cinema: um estudo sobre a crítica cultural dos processos criativos em sociedades mestiças. 2017. 180 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2017.

produção e circulação da informação”, como propõe o artigo de Henn (2015) e a dissertação de Machado (2018), na qual jornalismo e multidimensionalidade dialogam a partir de Fontcuberta (2006). Em outros casos, o pensamento simplificador, criticado por Morin, é associado ao paradigma objetivado ainda em curso na *práxis* jornalística (MEDINA, 2008, 2014), fazendo da complexidade, conseqüentemente, uma via de superação desse modelo. Um exemplo é a dissertação de Lückman (2013), que estabelece conexões “entre a epistemologia da complexidade e o jornalismo, entendido como forma social de conhecimento (...), estruturado sob diretrizes do paradigma positivista-cartesiano”. Para tanto, a autora propõe diálogos entre o pensamento complexo e a teoria de Genro Filho (2012).

Seja porque as variáveis de busca não resultaram em um universo satisfatório de achados – principalmente no caso do Portal de Periódicos, seja pela real escassez de diálogos entre Comunicação-Jornalismo-Complexidade-Morin, percebemos, sobretudo, a existência de lacunas, principalmente quanto à mobilização da complexidade em seu viés metodológico: não encontramos, por exemplo, trabalhos em jornalismo que fizessem uso dos operadores hologramático, recursivo e dialógico especificamente como ferramentas metodológicas (possivelmente porque, apesar do caráter mecânico da nomenclatura, os operadores sugeriram usos menos procedimentais). De todo modo, se há caminhos pouco explorados, existem também pontes já construídas, que não podem/devem ser ignoradas, como os estudos de Medina e Fontcuberta. Nesse sentido, autores, assuntos e métodos apresentados ao longo deste artigo, além dos trabalhos destacados na conclusão, poderão servir de mapas para as próximas empreitadas.

Bibliografia

BARABÁSI, Albert-László. Scale-free networks: a decade and beyond. **Science**, v. 325, n. 5939, p. 412-413, 2009.

CARVALHO, Guilherme Moreira. **A Comunicação na perspectiva homem-máquina: um estudo sobre interações de uma equipe em torno de um software a partir das percepções de gestores**. 2018. 114 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2018.

DIAS, Celso Osório da Silva. **Comunicação, epistemologia e tecnologia em Edgar Morin**. 2007. 212 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

FONTCUBERTA, Mar de. El periódico en una sociedad compleja. In: BORRAT, Héctor;

FONTCUBERTA, Mar de (Org.). . **Periódicos Sist. complejos, narradores en interacción.** Buenos Aires: La Crujia Ediciones, 2006. .

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo.** Florianópolis: Insular, 2012.

GOMES, Lauren Beltrão et al. As origens do Pensamento Sistêmico: Das partes para o todo. **Pensando Famílias**, v. 18, n. 2, p. 3–16, 2014.

HENN, Ronaldo Cesar; OLIVERIA, Felipe Moura de. Jornalismo e movimentos em rede: a emergência de uma crise sistêmica. **Revista FAMECOS**, v. 22, n. 3, p. 77–95, 2015.

LÜCKMAN, Ana Paula. **Contribuições do pensamento complexo para o campo epistêmico do jornalismo.** 2013. 96 f. Dissertação (mestrado) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

MACHADO, Francisco José Eboli. **O caso Pérolas Negras: um olhar complexo sobre a relação entre futebol, jornalismo e fluxos migratórios contemporâneos.** 2018. 216 f. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2018.

MARIANO, Agnes Francine De Carvalho. A entrevista como tema de pesquisa no campo da comunicação. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 28307, 2018.

MARIOTTI, Humberto. Os operadores cognitivos do pensamento complexo. In: **Pensamento complexo: suas aplicações à liderança, à aprendizagem e ao desenvolvimento sustentável.** São Paulo: Atlas, 2007.

MEDINA, Cremilda. **Ciência e jornalismo: Da herança positivista ao diálogo dos afetos.** São Paulo: Summus Editorial, 2008.

_____. Narrativas da Contemporaneidade: Epistemologia do Diálogo Social. **Triade**, v. 2, n. 4, p. 8–22, 2014.

MEDITSCH, Eduardo. Jornalismo como forma de conhecimento. **Rev. Bras. de Ciên. da Com.**, São Paulo, v. 21, n.1, p.25-38, 1998.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX - O espírito do tempo.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1967.

_____. **Introdução ao pensamento complexo.** Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: [s.n.], 2000.

PEDROTTI, Janaina Sarah. **Jornalismo em processo: dinâmicas da cobertura socioambiental na imprensa brasileira.** 2016. 287 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

SILVA, Juremir Machado. O pensamento contemporâneo francês sobre a comunicação. In: HOHLFELDT, Antônio; FRANÇA, Vera Veiga; MARTINO, Luiz C. (Org.). . **Teor. da Comun. conceitos, Esc. e tendências.** Petrópolis: Vozes, 2008. p. 309.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação.** 1ª ed. Lisboa: Presença, 1987.